MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD
ISSN 2316-8323

A DEFESA DA PAZ NA DRAMATURGIA CÔMICA: A PERSPECTIVA DA POLÍTICA EM *LISÍSTRATA*, DE ARISTÓFANES[1]

RAPHAEL SPODE
Doutorando do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB) e professor do Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

RESUMO: Durante as Lenéias de 411 a.C. foi encenada em Atenas a peça *Lisístrata*, de Aristófanes. Do gênero das comédias, *Lisístrata* é uma defesa da paz. Este período, porém, registra o vigésimo ano da Guerra do Peloponeso, um período conturbado da vida social e política ateniense. Na mesma ocasião, Atenas enfrenta um golpe oligárquico e a sublevação de algumas colônias associadas ao Império Ateniense. Neste contexto a peça é simbólica. Lisístrata – aquela que "dissolve as tropas" – toma posse da Acrópole para denunciar a imprudência e a desrazão masculina, causa de angústia e falência moral. Vigilante, Lisístrata convence as mulheres de se abster de *sexo* em prol da tranquilidade e da vida espiritual da *polis*. O que *Lisístrata* tem em comum com as abordagens teóricas de Relações Internacionais? Esse artigo procura estabelecer uma primeira aproximação entre Aristófanes e as Relações Internacionais com o objetivo de captar um olhar da política.

PALAVRAS-CHAVE: Aristófanes; Teoria das Relações Internacionais; Paz e Segurança.

DEFENSE OF PEACE IN DRAMATIC COMEDY: A PERSPECTIVE OF POLITICS IN LYSISTRATA OF ARISTOPHANES

ABSTRACT: During the 411 B.C's Leneias *Lysistrata* was played in Athens. The play was a defense of peace and spiritual life in a turbulent period. This year registered the twentieth year of the Peloponnesian War. On the same occasion Athens faced an oligarchic coup and the uprising of some associated colonies. In this context *Lysistrata* was played. What Lysistrata has in common with IR theories? This article seeks to establish a rapprochement between Aristophanes and IR *problematiques* to capture the essentiality on international politics.

KEYWORDS: Aristophanes; International Relations Theory; Peace and Security.

[1] Agradeço ao professor Alcides Costa Vaz (UnB) pela leitura e comentário sobre a primeira versão do texto. Seu parecer me fez perceber que havia conseguido formular, ainda que introdutoriamente, uma proposta original. Estou em débito com o amigo, professor e helenista Gabriel Geller Xavier, quem indicou literatura especializada, leu o manuscrito original e com o cuidado e o carinho de sempre indicou erros e pensou comigo a viabilidade dessa publicação.

INTRODUÇÃO

Enquanto Ésquilo, Sófocles e Eurípedes são considerados os criadores da dramaturgia trágica, Aristófanes é tido como o mais conhecido dos comediógrafos da Grécia. Em termos gerais, a comédia ática é

> uma espécie de reverso da tragédia, a outra face do drama, e, em geral, nutre-se da sátira política e social da Atenas libertária e democrática do V século a.C. Originada do primitivo *kômos*, ou procissão burlesca, que encerrava o ritual dionisíaco, por ocasião das festas da vindima, a comédia só bem tardiamente adquiriu foros de obra de arte: sua maturidade literária só se deu, quase um século depois da criação da tragédia, e já na segunda metade do V século a.C. (HORTA, 1980: 176 – grifo do autor).

As comédias foram admitidas nos concursos dramáticos atenienses por volta de 475 a.C. Elas são – assim como as tragédias – o "produto" de uma transição de mentalidade, dos valores aristocráticos para os valores democráticos, do pensamento mítico para o pensamento filosófico, da religião para a política (ALVES, 2012: 51). Na verdade, a comédia surge da própria afirmação do drama trágico: ela é uma experimentação alegre do espírito, possível graças à segurança e o prestígio que as tragédias conquistaram na vida ateniense. Kitto indica que

> o drama trágico, de ano para ano se afirmava mais segura e interessante e começavam a ser exploradas possibilidades muito curiosas numa jocosa, rústica e hilariante misturada, que, de facto, em breve deu origem à brilhante e espirituosa comédia de Aristófanes e seus rivais (KITTO, 1990: 194-95).

A aceitação das comédias ocorre no contexto democrático. O gênero cômico se sobressai justamente por incorporar o "espírito" da *liberdade democrática*, isto é, o uso de expressões chistosas e irreverentes na referência que se faz a pessoas de destaque da cultura e da política. Sócrates, em *Nuvens* e os tragediógrafos Agatão, Ésquilo e Eurípides (em *Acarnenenses*, *As tesmoforiantes*, *As rãs*) foram objeto dessa espécie de "fixidez" que apenas a comédia tem condições de imprimir. Da mesma forma que o desenhista de

praça procurar reproduzir, com certa ironia, o transeunte ou o espectador que lhe paga os serviços, a comédia tem por primor analisar um traço corporal, do espírito ou do caráter de maneira destacada, expondo o ridículo e o grotesco das próprias limitações humanas (BRASIL, 1988: 5; HORTA, 1980: 173-75; DUARTE, 2005: XIV).

A comédia aristofânica, em particular, deve ser interpretada dentro de uma quadratura difícil e contraditória da vida grega (HORTA, 1980: 176). Em 411 a.C, enquanto Atenas passava por momentos difíceis, é encenada, nas Lenéias[2], *Lisístrata*. A peça foi encenada na antevéspera de um golpe oligárquico que dissolveu, por um ano, o regime democrático e favoreceu quatrocentos cidadãos saídos de famílias influentes de Atenas (DUARTE, 2005: XXX). Além disso, Atenas enfrentava a revolta de algumas colônias associadas ao império e os lacedemônios (espartanos) haviam concluído um conjunto de acordos com o objetivo de subverter o sistema de alianças aliadas para conquistar a hegemonia do Mar Egeu. Boa parte da obra de Aristófanes, inclusive a peça *Lisístrata*, foi escrita durante a Guerra do Peloponeso (431 a. C. – 404 a. C.), e quando encenada, essa guerra já durava vinte anos. É, como se pode sentir, um momento de grave expectação política e social.

Mesmo assim, a vida política e as manifestações intelectuais e artísticas não tiveram interrupção, em Atenas. Apesar de enfrentar situações de alto risco – ter o inimigo acampado "às portas" da *polis* – e conjunturas desoladoras – como enfrentar a morte de cidadãos e a desintegração de famílias – os festivais continuavam. Não como atos de consolação pública repletos de luto e homenagens fúnebres, mas, segundo Kitto, eram atividades cheias de vida; parte do sistema social pelo qual eles estavam lutando (KITTO, 1990: 230).

[2] As representações teatrais atenienses e os concursos dramáticos ocorriam em duas ocasiões, a cada ano: na primavera – nas Grandes Dionísias – e no inverno – durante as Lenéias. Segundo Duarte, nos dois casos, os concursos dramáticos faziam parte de festivais em honra a Dioniso, patrono do drama. Mas os dois festivais tinham características diversas: "enquanto as Grandes Dionísias eram voltadas para um público amplo, visando não só aos cidadãos, mas também aos estrangeiros, que vinham em grande número a Atenas atraídos pelas festividades, as Lenéias tinham caráter doméstico, restringindo-se aos atenienses (...) Em cada um, eram apresentados uma trilogia trágica e um drama satírico, compostos por um mesmo autor, e, para encerrar, uma comédia, de autoria de outro" (DUARTE, 2005: IX-X). Nessa última ocasião, portanto no terceiro dia das Lenéias de 411 a.C foi encenada *Lisístrata*.

> No drama, produzido para eles e em seu nome, Sófocles, sem uma palavra relativa à guerra, continuava a meditar sobre os problemas máximos da vida humana e do caráter do homem; Eurípides mostrava o vazio da vitória e a baixeza da vingança, e, mais assombroso do que tudo, Aristófanes ridicularizava os chefes populares, os generais e o próprio povo soberano, exprimindo a sua repugnância pela guerra, e as delícias da paz, em comédias compostas de um pouco de espírito, fantasia, chocarrices, beleza lírica, indecências estrondosas e paródias de alta cultura (KITTO, 1990: 230).

O contexto político e social faz de *Lisístrata* uma peça simbólica. Porém, sua essência é a defesa da paz e segurança da Hélade (e não apenas da *polis* ateniense, como se poderia imaginar). É uma defesa satírica e cômica da paz e da segurança com preciosos recursos axiológicos. Apesar de o tom cômico oferecer a narrativa uma forma descontraída e irônica, seu resgate permite explorar possíveis conexões entre a reflexão dos antigos e a dos contemporâneos sobre a política. A peça *Lisístrata*, de Aristófanes, é um "clássico" nesse sentido, pois revela, com beleza e comicidade – e não por métodos rígidos, ditos "científicos" – aspectos e questões cruciais que, de um modo ou de outro, estão contidos nos debates sobre paz, segurança e política nas Relações Internacionais.

A PERSPECTIVA DA POLÍTICA

O clima de tensão e guerra de todos contra todos que se perpetrava pela Hélade acendeu no coração de Lisístrata – protagonista homônima da peça – a chama de novas preocupações. Contagiada pelas inquietações, Lisístrata – aquela que "dissolve as tropas"[3] – decide convocar as mulheres da Hélade[4]

[3] Dissolvetropa é a tradução de Lisístrata para o português. Adriane da Silva Duarte justifica o uso: "como os nomes gregos são significativos e na comédia sua escolha, ao menos no que respeita aos personagens principais, não parece arbitrária, optei por traduzi-los para o português" (DUARTE, 2005: 2). Esse aspecto será respeitado durante as citações diretas à obra.

[4] A ideia de pan-helenismo é reconhecidamente defendida por Aristófanes. Na passagem em que Lisístrata espera pelas mulheres, vemos nitidamente o autor fazer uma menção chistosa à ideia de um "pan-feminismo"; versão cômica da ideia de pan-helenismo ou integração das cidades-estados gregas, que será explorada mais adiante pelo autor. Tanto é assim que as

para expor a difícil questão: qual o meio de acabar com a guerra? (*L*, 14).[5] Desgostosa e irritada, Lisístrata enfrenta o atraso das mulheres à sua convocatória. Elas tardam, pois são reféns de seus afazeres domésticos. Calonice (Lindavitória), vizinha da protagonista, é a primeira a chegar. Ao se deparar com o desapontamento de Lisístrata procura contemporizar – afinal, é o que toda boa vizinha tende a fazer – ao mesmo tempo em que levanta um importante aspecto teórico. Sua terceira fala revela que a peça jogará com o lugar convencionalmente atribuído às mulheres na vida social da *polis*, do qual Lisístrata (Dissolvetropa) estranhamente pretende demovê-las, ameaçando as convenções sociais.

> Lindavitória: – Mas virão, minha querida. Para as mulheres, é difícil sair de casa. Dentre nós, uma se manteve *ocupada com seu marido*, outra tenta *acordar o criado*, outra *faz o bebê dormir*, outra *dá o banho* e outra, *a papinha*.
>
> Dissolvetropa: Mas há outras coisas mais interessantes do que essas.
>
> Lindavitória: Quais são, querida Dissolvetropa? Por qual motivo está convocando a nós, mulheres? Que negócio é esse? De que tamanho?
>
> Dissolvetropa: Grande.
>
> Lindavitória: E grosso também?
>
> Dissolvetropa: Sim, por Zeus, grosso também. (*L*, 6 – grifo nosso).

O atraso das mulheres é uma reação de estranhamento. Aristófanes trabalha com a ideia de que as mulheres se encontram ligadas a preocupações ontológicas e normativas bastante diferentes daquelas às quais Lisístrata pretende iniciá-las. As evidências da fala de Lindavitória (veja-se grifado) demonstram os aspectos de um outro mundo ontológico, constituído pela casa, o marido, a vigília, a criada, o filho, o banho, a comida. Não há termos como guerra, força, poder e *polis* – justamente o universo ao qual Lisístrata pretende iniciar as mulheres, em defesa da paz. De firme propósito, Lisístrata sente que

mulheres serão tratadas pelo autor como "embaixadoras", isto é, representantes efetivas de suas localidades: Esparta, Beócia, Salamina, Acerne, Anagira, Peloponeso e Corinto.

[5] Este artigo usará o sistema de abreviação para referenciar a obra *Lisístrata*, de Aristófanes. A obra será indicada com a letra *L* seguida da página. A obra citada é ARISTÓFANES. *Duas comédias:* Lísistrata e Tesmoforiantes. Trad. Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

"a salvação de toda a Grécia está nas mulheres" (*L,* 7). Eis porque vemos Lisístrata tão agitada e aflita, aos pés da Acrópole, aguardando a chegada das "embaixadoras", as mulheres da Hélade.

Finalmente, as mulheres chegam. A chegada produz a incorporação de novas personagens na trama cômica: Mirrina (Vulverina) e Lampito, esta última de Esparta. Reunidas, Lampito é a primeira a pedir a Lisístrata: "Diga-nos, então, o que você quer" (*L,* 12). Deste ponto em diante a problematização da política acontece de maneira singular. Em primeiro lugar, Lisístrata (Dissolvetropa) lança a ideia de que *a guerra causa um dano emocional*. Na fala transcrita abaixo, o problema da guerra é, em primeiro lugar, o de afetar o domínio afetivo do núcleo familiar (*oíkos*):

> Dissolvetropa: Vocês *não estão com saudades dos pais de seus filhos que estão servindo o exército*? Pois eu bem sei que todas vocês têm o marido longe de casa.
>
> Lindavitória: Ao menos o meu marido, pobre de mim, está há cinco meses na Trácia, vigiando Eucrates.
>
> Vulverina: E o meu está há sete meses completos em Pilos.
>
> Dissolvetropa: E nem a centelha de um amante nos resta. Desde que os milésios nos traíram, não vi mais nenhum consolo de oito dedos, que nos trazia um conforto de couro. Vocês gostariam, então, se eu descobrisse um meio, de, comigo, pôr fim à guerra? (*L*, 13-14 – grifo nosso).

Havia um meio: *passar sem sexo*, o que causou consternação geral nas mulheres. Ao conhecerem a solução, muitas tentaram fugir, gritaram, ficaram pálidas, até choraram. Lindavitória chegou a dizer: "Jamais poderia fazê-lo, antes prossiga a guerra!" (*L*, 15). Ao ver e ouvir as reações gerais, Lisístrata começa a se sentir desamparada. Lampito, que ao longo da trama apresenta sinais de lucidez e abnegação, socorreu-a: "Pelos gêmeos, é duro as mulheres dormirem sozinhas (...) Entretanto, que seja. A paz é prioritária" (*L*, 16). Aos poucos, as mulheres conseguem contemporizar:

> Lindavitória: Se nos abstivermos o mais possível do que você diz – que isso não aconteça –, por causa disso aí haveria a paz?
>
> Dissolvetropa: Com certeza, pelas duas deusas. Se ficássemos dentro de casa, maquiladas, e, sob as tunicazinhas de Amorgos, nuas

> desfilássemos, o púbis depilado, os maridos, cheios de tesão, desejariam fazer sexo, mas se não nos aproximássemos, se nos recusássemos, negociariam a trégua rapidinho, sei bem disso (*L*, 16).

Neste ponto está em processamento *uma inversão de papéis*. Ora, se a guerra retira os homens de casa impondo às mulheres a aflição da solidão, a abstinência sexual proposta por Lisístrata não mudaria o que já ocorre efetivamente – isto é, a ausência do homem e a impossibilidade de sentir satisfação. Acontece que a posição defendida por Lisístrata ativa o papel protagônico das mulheres. Não será em nome da política, da segurança e da luta pela hegemonia que o carinho, o amor e a alegria conjugal deixarão de existir; de agora em diante será uma opção, uma opção imposta pelas mulheres, em favor de algo maior.

Mulheres de Atenas, de Chico Buarque contém um contraponto que ajuda a entender a formulação proposta por Lisístrata – bem evidente na fala de Lampito. De um modo geral, a queixa inicial das mulheres não é outra a não ser *saudades*.

> Mirem-se no exemplo
> Daquelas mulheres de Atenas
> *Sofrem* pros seus maridos
> *Poder e força* de Atenas (BUARQUE, 1993 – grifo nosso).

A busca pela "satisfação de potência", no exterior, provoca a insatisfação do núcleo familiar (*oíkos*), a base da sociedade política.[6] O que está sendo proposto pelas mulheres não são questões de ordem política ou econômica da *polis*, mas da ordem dos sentimentos morais (isto é, sentimentos de felicidade, alegria, contentamento e realização plena da vida). A política externa da *polis*, em toda sua expressão de *Poder* e *Força* – aspectos que estão associados à virilidade e satisfação do homem – são incapazes de realizar a *eudaimonía*, um valor que para os gregos significa, em certa medida, "o princípio da vida

[6] Para Aristóteles, a família é a base da sociedade política: "A comunidade formada naturalmente para as necessidades diárias é a casa, ou seja, são as pessoas chamadas por Carondas de 'companheiras do tabuleiro de pão', e pelo cretense Epimênides 'companheiros de lareira' (...) Toda a cidade se compõe de famílias" (ARISTÓTELES, 1999: 14; 17).

plenamente satisfeita". Para Aristóteles, as ações humanas visam uma finalidade com o propósito de obter um bem. O bem, do ponto de vista aristotélico é uma finalidade inerente aos seres humanos que buscam alcançar a *eudaimonía*, ou melhor, a felicidade e

> a felicidade é a vida plenamente realizada em sua excelência máxima. Por isso não é alcançável imediata nem definitivamente, mas é um exercício cotidiano que a alma realiza durante toda a vida. A felicidade é, pois, a atualização das potências da alma humana de acordo com sua excelência mais completa (CHAUÍ, 2002: 442).

Segundo Aristóteles, a finalidade natural de todos os seres humanos consiste em ter uma vida boa, justa e feliz. Independente da honra, da inteligência e da riqueza, a felicidade é auto-suficiente e não necessita de bens exteriores para ser atingida (ARISTOTLE, 2009: 13-14; AMARAL *at al.* 2012: 14-16). Mesmo que as expedições militares representem ganhos políticos e econômicos efetivos, a guerra, a luta pelo poder e hegemonia não se convertem, *essencialmente*, em ganhos de alegria e felicidade, elementos vistos por Lisístrata como indispensáveis à realização plena da vida. Além da inversão de papéis entre os gêneros, há também *uma inversão de valores e objetos de importância* em pauta: a preocupação de Lisístrata com a paz é a preocupação da fidelidade do homem à mulher, da educação dos filhos, da satisfação da casa, dos sentimentos consoladores originados pela parceria conjugal.[7] Apesar dos homens passarem longos períodos em casa, essa satisfação será sempre prejudicada pela angustiosa certeza da separação e da possibilidade da separação mais definitiva, com a morte na guerra. Ao referir-se às mulheres atenienses, Chico Buarque em sua canção soube ressaltar esse aspecto:

> Mirem-se no exemplo
> Daquelas mulheres de Atenas:

[7] Para Duarte, o fato de a greve estar restrita às esposas é o que a torna eficaz, uma vez que compete a elas a transmissão da cidadania, pois só eram considerados atenienses os filhos de cidadãos com filhas de cidadãos: "os maridos podem se satisfazer sexualmente com outros parceiros, mas esses relacionamentos não proporcionariam herdeiros legítimos. Aí reside o poder das mulheres, que, para preservar seus casamentos, tornam-se novamente virgens em teoria, interditas portanto" (DUARTE, 2005: XIX; XXVII).

Geram pros seus maridos,
Os novos filhos de Atenas.

Elas não têm gosto ou vontade,
Nem defeito, nem qualidade;
Têm medo apenas.
Não tem sonhos, só tem presságios.
O seu homem, mares, naufrágios...
Lindas sirenas, morenas (BUARQUE, 1993 – grifo nosso).

A realização dos objetivos políticos da *polis* geram infinitas preocupações: primeiro, porque os homens estão sempre em preparação para as batalhas, em exercícios perigosos; depois, porque as expedições encaminham não apenas os homens *chefes de família* para o exterior, mas também os homens *filhos*. Afinal, uma comunidade política independente, seja na Grécia ou nos dias de hoje, precisa estar constantemente preocupada com a sua segurança e preservação, e os homens – sejam avôs, pais ou filhos – sempre serão exigidos a defender a sua comunidade, o que esvazia os lares, tornando-os tristes e solitários, em momentos de perigo.

A defesa da paz em Lisístrata não é apenas a preocupação com a satisfação do prazer sexual, mas é a luta pelo *prazer espiritual*, que significa defender e preservar os recursos que garantem o contentamento e a satisfação plena, segura e prolongada do espírito – que se regozija no leito conjugal é verdade, mas também se realiza ao sentir segurança e refrigério numa casa cheia e feliz. De certo modo, a abstinência proposta por Lisístrata representa uma escolha na qual o desejo da satisfação sexual cede lugar à realização das potencialidades da vida em família e sociedade, somente possíveis num clima de paz entre as *poleis*.[8] Uma forma de promover a paz (o que representa o fim das quarentenas, dos períodos de solidão e angústia) é impedir a renovação das disposições genésicas dos homens, o alívio das tensões agressivas geradas pelos embates fratricidas que o sexo proporciona, deixando-os consternados. Às mulheres resta essa poderosa estratégia, já que os homens,

[8] É nesse sentido que o pacifismo da peça assume sua real dimensão: "por uma questão ideológica, a comédia busca a paz enquanto promotora dessa fertilidade que lhe cabe celebrar. Nesse sentido, a paz torna-se sinônimo de abundância e de festa, fatores ligados ao gênero desde a sua origem. Não se trata de uma recusa da guerra por imoral, causadora de violência ou coisa que o valha. A principal objeção que se faz a ela é a esterilidade que ela espalha" (DUARTE, 2005: XXVII).

> Quando eles embarcam soldados
> Elas tecem longos bordados
> Mil quarentenas
> *E quando eles voltam, sedentos*
> *Querem arrancar, violentos*
> *Carícias plenas, obscenas* (BUARQUE, 1993 – grifo nosso).

Providências iniciam entre a proposta de Lisístrata e o acatamento das mulheres: em primeiro lugar, elas sequestram o tesouro da *polis*, a fonte de recursos orçamentários destinado ao aparelhamento dos soldados e navios, que está guardado na Acrópole. A tomada da Acrópole inicia com as mulheres mais velhas – representadas pelo *coro de mulheres* – que fingem fazer sacrifícios e facilitam a entrada de Lisístrata. Em seguida, Lisístrata chega acompanhada pelas mulheres; elas cerram as portas da Acrópole para iniciar a sua resistência. Lampito é enviada à Esparta para tomar providências semelhantes.

Nesse ponto da trama, o *coro de velhos* e as *mulheres velhas* iniciam uma jocosa guerra dos sexos, com palavras engraçadas, pontapés e empurrões. O embate é significativo: enquanto os velhos acendem chamas e decidem atear fogo na Acrópole para acabar com o domínio das mulheres, as velhas se aproximam com baldes de água para apagar as "chamas": é uma nítida alusão à empresa faustosa de Lisístrata que almeja a paz brincando com "o fogo", o *sex appeal* masculino.

A confusão criada pelos coros é imensa ao ponto do Magistrado (Delegado) ser chamado. A postura inicial do Delegado é de ser contrário à Lisístrata. Ele deseja derrubar a porta da Acrópole para retirá-la à força. Na mente do Delegado, as mulheres só se sentiam no direito de interpor resistências e fazer exigências cada vez mais descabidas porque haviam sido demasiadamente mimadas pelos maridos. A verdade é que nesta altura da trama não lidamos apenas com a resistência feminina aos *chefes de família*; as "forças" da *polis* estão nas mãos das mulheres, isto é, o tesouro de Atenas está em sua posse. Exatamente da mesma forma que o estipêndio significa a *força*

que sustenta a *polis* na guerra e o *sexo* representa a renovação da virilidade, vemos nessas duas expressões as mulheres em pleno domínio das *forças genésicas da cidade*, em todos os níveis. O objetivo é claro: forçar a paz para a obtenção do gozo perpétuo e responsável que sustenta, com plenitude, a vida espiritual da cidade. Esse ponto é significativamente trabalhado por Duarte (2005: XXVIII):

> As mulheres reunidas na acrópole dão uma surra nos Citas e Lisístrata expõe, com uma lógica implacável, os malefícios da guerra da perspectiva feminina: um conflito motivado pela ambição, mas que tem como custo vidas, tanto dos que caem no campo de batalha, quanto das que envelhecem sem ter efetivamente vivido. A sugestão de Lisístrata é que se adote para a gestão pública o modelo doméstico. A cidade é vista como uma casa expandida, de forma que, se as mulheres controlam o orçamento desta, também poderiam fazê-lo daquela.

Encastelada na Acrópole, Lisístrata surge como o bom senso encarnado; uma semi-deusa protetora do civismo e do bem (ela mesma se reconhece assim, durante o *agón* com o Delegado).[9] A protagonista passa a interpretar os homens como indivíduos irresponsáveis na administração da família e da cidade. Trata-os como "meninos" que se entregaram aos entretenimentos das batalhas, incapazes agora de perceber quantos males suas ações provocam na *ordem espiritual da cidade*. A impressão que dá é que Lisístrata fora tomada de lucidez e sabedoria enquanto a cidade – e especialmente os homens – haviam-se entregue às paixões inferiores e a irreflexão. Agora, eles não conseguem nem mesmo enxergar as consequências de seus atos. Lisístrata acordara, enquanto os homens dormitavam. De boa índole[10], ela se percebe na condição de protetora espiritual da *polis* e dos

[9] Segundo Duarte, o poeta cômico deveria obedecer uma estrutura formal bem definida: "a comédia antiga, de uma forma geral, apresenta prólogo, párodo (entrada do coro), *agón* (debate entre dois personagens), parábase (discurso do coro dirigido aos espectadores, em seu próprio nome ou no do poeta), episódios pontuados por estásimos (cantos corais) e êxodo" (DUARTE, 2005: XVI).

[10] Índole e discernimento, tais aspectos morais foram conformados durante a sua fase de formação, a partir do exemplo do pai: "*eu sou mulher, mas possuo discernimento*. Eu mesma, de minha parte, tenho juízo suficiente e, por tanto ter ouvido as palavras de meu pai e dos mais velhos, não sou mal instruída" (*L*, 82 – itálico do tradutor).

homens que se perderam no caminho das próprias irrealizações políticas. O diálogo com o Delegado reforça essa reflexão:

> Dissolvetropa: Nós vamos salvá-los.
>
> Delegado: Vocês?
>
> Dissolvetropa: Sim, nós!
>
> Delegado: É sinistro!
>
> Dissolvetropa: Você será salvo, mesmo que não queira.
>
> Delegado: Você exagera.
>
> Dissolvetropa: Você está nervoso, mas, de qualquer forma, é nosso dever fazer isso.
>
> Delegado: Por Deméter, é totalmente injusto.
>
> Dissolvetropa: É nosso dever, irmão.
>
> Delegado: Mesmo que eu não peça?
>
> Dissolvetropa: Muito mais ainda por isso.
>
> Delegado: De onde veio seu interesse pela guerra e pela paz?
>
> Dissolvetropa: Nós vamos explicar.
>
> Delegado: Diga rápido, senão vai se arrepender.
>
> Dissolvetropa: Escute então e tente refrear suas mãos.
>
> Delegado: Não consigo. É difícil contê-las por causa da raiva.
>
> Uma velha: Então vai se arrepender mais ainda.
>
> Delegado: Possa você crocitar para si mesma, velha. Quanto a você, diga-me.
>
> Dissolvetropa: Farei isso. Num primeiro momento, suportamos em silêncio, por prudência, tudo o que vocês, homens, faziam – não nos deixavam sequer grunhir – e não estávamos satisfeitas com vocês. Mas compreendíamos vocês bem e, muitas vezes, em casa, escutamos quando deliberavam mal sobre um assunto importante. E se, no íntimo aflitas, perguntávamos sorrindo: “O que vocês decidiram anotar na coluna sobre as tréguas na assembleia de hoje?” “E o que você tem a ver com isso?”, o marido dizia. “Não vai calar a boca?” E eu me calava.
>
> Uma velha: Mas eu nunca me calava.
>
> Delegado: Com certeza se lamentaria, se não se calasse.
>
> Dissolvetropa: Por isso mesmo eu me calava então. E, em seguida, éramos de novo informadas de alguma outra decisão de vocês, ainda pior. Quando perguntávamos: “Como levaram isso a cabo, marido, de uma forma tão tola?” Ele imediatamente me olhava de alto a baixo e afirmava que, se eu não fiasse uma trama, minha cabeça teria muito do que se queixar. “Da guerra cuidarão os homens!”
>
> Delegado: E ele falava com razão, por Zeus. (*L*, 42)

Lisístrata desafia o Delegado: “carde e mastigue favas. Da guerra cuidarão as mulheres” (*L*, 43). E como cuidarão da guerra? Curiosamente, seu meio de realização (como diríamos hoje) é “realista”, pois ela percebe o mundo, a política, a guerra e a paz a partir das forças que constituem a natureza humana. Ainda que o seu objetivo seja o altíssimo objetivo da paz – um empreendimento pela vida contra a esterilidade da guerra – Lisístrata reconhece a natureza humana tal como ela é e trabalha com essas forças a seu favor, em favor da *polis*, em prol do objetivo e dos interesses das mulheres.

> A fertilidade da terra, dos animais e das mulheres é o que almejam as atenienses que uma vez por ano recebem licença de seus maridos para acampar no Tesmofórion realizando ritos interditos aos homens. Em *Lisístrata*, os objetivos são os mesmos, pois a guerra é vista como a principal causa de esterilidade para a cidade: não se pode arar o campo, pois as incursões dos inimigos mantêm os camponeses nos limites das muralhas, e a ausência dos maridos impede a procriação (DUARTE, 2005: XXVI).

Apesar da distância temporal que nos separa de Aristófanes, a formulação prudente e lúcida empregada por Lisístrata (no intuito de buscar mais altas realizações) lembra a seguinte passagem de Morgenthau ao se referir à escola realista.

> A outra escola considera que o mundo, imperfeito como é do ponto de vista racional, resulta do encontro de forças inerentes à natureza humana. Assim, para poder melhorar o mundo, será necessário trabalhar com essas forças, e não contra elas. Tendo em vista que vivemos em um universo formado por interesses contrários, em conflito contínuo, não há possibilidade que os princípios morais sejam algum dia realizados plenamente, razão que, na melhor das hipóteses, devem ser buscados mediante o recurso, sempre temporário, ao equilíbrio de interesses e à inevitavelmente precária solução de conflitos (...) Essa preocupação teórica com a natureza humana tal como ela se apresenta, e com os processos históricos, à medida que eles ocorrem, fez com que a teoria aqui caracterizada ganhasse o nome de realista (MORGENTHAU, 2003: 4).

Resoluta e no comando, Lisístrata determina ações a serem imediatamente desempenhadas pelo Delegado, tendo em vista a realização de seu objetivo. Primeiramente, era preciso deter os indivíduos que andavam

armados na Praça do Mercado: “é ridículo sempre que um, com escudo, Górgona e tudo, compra peixe” (*L*, 44). A líder do coro das mulheres reforça o pedido e faz uma breve explicação. Segundo ela, os homens armados nas vias públicas tendiam a impor medo às mulheres inofensivas que estavam no mercado simplesmente para comprar doces e verduras. Na sua visão, os indivíduos armados se sentiam no direito de recrear-se da forma que achassem conveniente. Um deles, conta ela, era visto devorando ao *bel* prazer todas as azeitonas de uma pobre e inofensiva vendedora de figos, e isso porque se sentia forte, pois estava armado (Cf. *L*, 44-45). Em segundo lugar, Lisístrata determina acabar com a confusão nos vários Estados e uni-los para sempre. Essa proposta é expressa e formulada de maneira criativa. Lisístrata constrói uma imagem da paz e da cooperação política *interpolis* a partir do ofício atribuído às mulheres – o tricô e a costura.

> Delegado: Como vocês serão capazes de impedir as enormes revoltas que assolam nosso país e nelas pôr fim?
>
> Dissolvetropa: Muito simplesmente.
>
> Delegado: Como? Demonstre.
>
> Dissolvetropa: Como quando uma meada está revolta, nós a pegamos assim e, com fusos, passamos um fio para cá, outro para lá, assim também poremos fim a essa guerra, se deixarem, separando os embaixadores, um para cá, outro para lá.
>
> Delegado: Então é com lãs, meadas e fusos que vocês contam deter negócios terríveis? Que tolas!
>
> Dissolvetropa: Se ao menos um de vocês tivesse cabeça, teria administrado a cidade toda com as nossas lãs (*L,* 45).

A imagem formulada por Lisístrata sintoniza com o conceito de *ordem internacional*. Segundo Bull, ordem internacional “é um padrão de atividade que sustenta os objetivos elementares ou primários da sociedade dos estados, ou sociedade internacional” (BULL, 2002: 13). O que Lisístrata parece propor é o estabelecimento daquela instituição internacional que surgirá no norte da Itália, no século XV, com o propósito de auxiliar as comunidades políticas independentes a manterem contato regular entre si e certa coordenação

política para a manutenção de seus objetivos e interesses fundamentais: a *diplomacia residente*.

Delicada, a remissão aos trabalhos de cardação da lã oferece uma poderosa visão daquilo que é um *sistema de Estados*: um conjunto de linhas penteadas interligando, de uma extremidade a outra as capitais, num único sistema político, de tal modo que cada capital e cada comunidade política independente atue levando em consideração os interesses, as preocupações e os objetivos de cada uma das demais. O fuso ou a roca é a melhor imagem para a figura do diplomata, o agente que promove "a cardação" e as conserva desembaraçadas por intermédio do diálogo, suprimindo dúvidas e intrincadas conspirações (os "emaranhados", tais as lãs confusas no novelo primitivo comprado na loja). "O manto" – isto é, o resultado final do trabalho de cardação que apazigua as linhas confusas e divergentes – é a *sociedade internacional*, e representa o instante no qual as comunidades políticas independentes passam a estar conscientes de certos valores e interesses comuns, de tal modo que se consideram partes de um todo e agem para a manutenção de instituições e regras comuns (BULL, 2002: 19). A ideia de "pan-helenismo", como solução política para a guerra, é apenas a noção da formação de um sistema ou de uma sociedade entre as comunidades políticas independentes, noção que surgirá com toda força na modernidade e que orienta até hoje a nossa vida política.

A estratégia de Lisístrata tem efeito. Os homens de toda a Hélade estão sofrendo de "espasmos priáticos"; há nervos e pânico no ar. As cidades-estado começam a enviar embaixadas a Atenas para conversar com os magistrados. Em diálogo com Trepásio (marido de Vulverina, quem acabara de tentar seduzi-la para saciar a sua vontade) um arauto de Esparta demonstra muito bem o panorama geral dos humores:

> Trepásio: Como estão as coisas para vocês na Lacedemônia?
>
> Arauto: Toda a Lacedemônia está ereta e os aliados todos com tesão (...)
>
> Trepásio: Qual a origem desse mal? Pã?

> Arauto: Não, mas Lampito, creio, deu a partida e em seguida as demais mulheres de Esparta, juntas, como de uma única linha de saída mantiveram os maridos à distância (...)
>
> Trepásio: E como vocês estão?
>
> Arauto: Penando. Pela cidade andamos curvados, como carregadores de lamparinas. As mulheres nem nos deixam tocar seu mirto antes de que todos, num único discurso, façamos a paz com a Grécia (*L*, 75).

Para os homens a situação é insuportável. Embaixadores lacedemônios, desesperados e consumidos chegam à Atenas para entendimento diplomático. Ante as principais potências da Grécia, Lisístrata é chamada pelo corifeu; ela aparecerá carregando uma estátua de formas femininas representando a *Reconciliação*. Muito ciente de lidar com forças da natureza humana (em favor de sua causa), Lisístrata censura os chefes gregos com três pontos argumentativos: (i) introduz a ideia de violação da irmandade helênica; (ii) desperta-os para o perigo dos bárbaros e a necessidade de reconciliação para o fortalecimento da Grécia; (iii) relembra as ajudas mútuas enviadas por Atenas e Esparta em momentos de dificuldade e rememora o dever de reciprocidade.

> Corifeu: Olá, de todas a mais macho. Agora é preciso que você seja terrível e branda, boa e ruim, augusta e amável, experiente, porque os líderes gregos se renderam ao seu encanto, submetem-se a você e confiam todas as suas queixas comuns.
>
> (...)
>
> Dissolvetropa: Caros lacônicos, fiquem perto de mim, do meu lado, e vocês aqui. Escutem as minhas palavras – *eu sou mulher*, *mas possuo discernimento*. Eu mesma, de minha parte, tenho juízo suficiente e, por tanto ter ouvido as palavras de meu pai e dos mais velhos, não sou mal instruída. Agora que estão em minhas mãos, quero censurá-los em conjunto e com justiça, os que com a mesma água lustral aspergiram os altares como parentes em Olímpia, em Pilos, em Pitô – quantos outros eu nomearia se pudesse me alongar? – estando presentes inimigos com exércitos bárbaros, homens e cidades gregas destroem. *O meu primeiro argumento encerra-se aqui*.
>
> (...)
>
> Dissolvetropa: Agora, lacônios, pois minha conversa agora será com vocês, não sabem que Periclides, o lacônio, esteve aqui uma vez como suplicante dos atenienses e sentou-se sobre o altar, pálido em seu manto vermelho, requisitando um exército? Messênia, então, pressionava-os e, ao mesmo tempo, o deus os sacudia. Címon partiu com quatro mil hoplitas e salvou toda a Lacedemônia. Após terem

> sido tratados assim pelos atenienses, arrasam o seu território, daqueles que os trataram tão bem?
>
> Embaixador Ateniense: Por Zeus, eles são culpados, Dissolvetropa!
>
> Embaixador Lacedemônio: Somos culpados. Mas a bunda, não tenho palavras para elogiá-la!
>
> Dissolvetropa: E você pensa que vocês, atenienses, vão sair livres? Não sabem que os lacônios, por sua vez, quando vocês usavam vestes servis, vieram com a lança e mataram muitos tessálios e muitos companheiros e aliados de Hípias? Que, sendo os únicos que lutaram ao seu lado naquele dia, os libertaram e, em vez da veste servil, envolveram o povo novamente em um manto de lã?
>
> (...)
>
> Dissolvetropa: Tendo tomado a iniciativa de tantas coisas boas, por que então combatem e não deixam de maldade? Por que não se reconciliaram? Vamos, qual o impedimento? (*L,* 82-83 – itálico do tradutor).

Após a exortação e forçados pelo imperativo da necessidade, cada um dos grupos de embaixadores reconhece ser preciso conceder, uns aos outros, ofertas de paz. A trégua é concluída. Lisístrata "abre as portas" da Acrópole para que as mulheres recebam carinhosamente os homens em seus braços. Cantos corais e estásimos cantam a tranquilidade e a paz como a mais alta realização da *vida do espírito* e avisam: saibam, daqui para frente, se conduzir com lucidez e estejam conscientes da verdadeira destinação e significado da vida; para nunca mais errar (*L,* 89).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM BALANÇO ENTRE O CONTEMPORÂNEO E A TRADIÇÃO

Ao tratar da "primeira imagem das relações internacionais", Kenneth Waltz em "O *Homem, o estado e a guerra*" percebeu que os instintos e as energias anímicas possuem um lugar decisivo na atuação política. Dentro dessa perspectiva, a paz está relacionada à capacidade de canalização dessas energias, que normalmente são despendidas em embates, lutas e guerras. Em vez de empregá-las para a destruição, elas deveriam ser "canalizadas" visando

a realização de outros objetivos; e isso seria suficiente para cessar a existência da guerra.

> Aristófanes era dessa opinião. Se as mulheres de Atenas se recusassem aos seus maridos e amantes, seus homens teriam de escolher entre os prazeres da alcova e as experiências revigorantes do campo de batalha. Aristófanes julgava conhecer bastante bem os homens e as mulheres de Atenas para fazer do resultado uma conclusão inevitável (WALTZ, 2004: 25).

De um modo geral, essa perspectiva se enquadra numa tradição de política internacional que acredita que a guerra está arraigada na natureza humana. Mas, como a natureza humana não pode ser alterada, nem os seus impulsos suprimidos, eles podem ao menos ser orientados. Em vez de recrutar jovens ao serviço militar, eles deveriam ser chamados para minerar carvão e tripular navios, para construir arranha-céus e estradas, para lavar louça e roupas (WALTZ, 2004: 25). Embora variem as prescrições todas elas tem em comum a noção de que para conquistar um mundo mais pacífico, os homens – e aqui queremos dizer, entre outras coisas, as *forças anímicas/genésicas do gênero humano* – têm de ser transformados, ou melhor, orientados continuamente (WALTZ, 2004: 25-26).

O que a peça *Lisístrata* tem em comum com as problemáticas das Relações Internacionais? Afinal, algumas abordagens das Relações Internacionais são influenciadas por argumentação semelhante, sobretudo por considerar a política e seus dilemas de um ponto de vista que considera a influência geralmente atribuída à natureza humana e seus impulsos primitivos.

Em primeiro lugar, a peça expõe a complicada relação entre estruturas sociais e comportamentos humanos. Envolvido pelo que chamaríamos hoje de uma espécie de ética emancipatória[11], Aristófanes recorre à inevitável tensão entre os interesses públicos/políticos e os interesses privados/espirituais. Em *Lisístrata*, aliás, esses dois domínios estão em choque. Aristófanes zomba o primeiro para enaltecer o último (até porque na Grécia antiga não havia divisão

[11] Para uma crítica emancipatória ver LINKLATER, 2007 e COX, 2002.

entre o domínio público e o privado, o que torna mais intensa a relação entre a ação política e o bem-estar da vida em família, que deveriam estar em perfeita sintonia).

Em segundo lugar, *Lisístrata* apresenta uma problematização do "ideal" de racionalidade ao cogitar a vida social. Na elaboração da ideia de paz e segurança, Lisístrata tendeu a defender mudanças positivas, advogou o fim da disputa hierárquica, valorizou menos a *realpolitik,* e sim, as oportunidades da vida, o contentamento e a alegria de viver. Essa percepção não reconhece o domínio político como dissociado do domínio normativo e espiritual, muito menos de uma razão instrumental dissociada dos sentimentos morais.

Em terceiro lugar, a mulher recebe importante consideração ao ser identificada como uma individualidade capaz de transmitir uma espécie de racionalidade sazonada por sentimentos positivos. *Lisístrata* é o melhor exemplo de como a literatura clássica considera a mulher como capaz de emancipar-se, libertar-se para socorrer a sociedade e organizá-la melhor, solucionando alguns de seus principais dilemas. Basta lembrar que os antigos atribuem à mulher um papel de submissão e obediência.[12] Afinal, Lisístrata surge como a protetora da cidade ou aquela que é o único ser – dentro de certas circunstâncias emocionais – capaz de definir novos critérios políticos e justamente porque ela sabe – melhor do que todos – como redimensionar o lugar dos valores éticos ou divinos na vida em sociedade, dando-lhes o sentido adequado e de acordo com as suas finalidades. Graças ao seu esclarecimento e visão sobre as coisas, a família, a cidade e a Hélade estão seguras. Porém, é preciso lembrar que Lisístrata introduz outra concepção de segurança, associada à noção de bem-estar e êxtase espiritual.

Em quarto lugar, a segurança é refletida numa curiosa inversão de perspectiva que desafia a definição prevalecente e "masculinizada" do termo.

[12] Ao descrever que as pessoas partilham das qualidades morais, mas não de maneira idêntica, Aristóteles criou uma evidência do papel atribuído à mulher na Grécia antiga. O trecho a seguir é muito significativo; para Aristóteles "a moderação de uma mulher e a de um homem não são idênticas, nem sua coragem e sentimento de justiça, como pensava Sócrates; uma é a coragem de comando, a outra é de obediência [...]". À mulher cabe obedecer; silenciar, afinal "'o silêncio dá graça às mulheres', embora isto em nada se aplique ao homem"

Geralmente, “segurança” é identificada como sinônimo de estabilidade e está associada à capacidade das comunidades políticas de atacarem umas as outras (Ver, MEARSHEIMER, 1999; TICKNER, 1988; 1996; 1997). Contrariando essa definição, a abordagem feminista considera a militarização dos indivíduos e das comunidades políticas como causa de insegurança, sobretudo dos mais fracos: mulheres, crianças e velhos. Em nome da proteção, os Estados demandariam o sacrifício dos cidadãos masculinos e femininos, o que é contraditório. As atividades políticas e econômicas não deveriam estar dissociadas das atividades naturais do dia-a-dia, que envolvem a administração da casa, o bem-estar das crianças e dos velhos. Tais atividades deveriam estar em perfeita sintonia e ser como uma aspiração universal da política. Aliás, em *A Grande Ilusão*, Norman Angell tenta atribuir à política internacional uma função bem clara: o interesse fundamental da comunidade internacional é – em essência – pensar e agir em prol de

> maior bem-estar para a massa da população (...) em condições de vida mais amplas; na abolição ou diminuição da pobreza e da limitação de recursos; em melhor moradia e vestimenta para a população; na capacidade de prevenir as necessidades da velhice e da doença; em uma existência mais alegre e mais longa. E não só isso, mas também uma educação melhor e mais difundida; uma disciplina mais elevada do caráter por meio do trabalho sustentado e do emprego mais eficaz do lazer; uma atmosfera social que promova os afetos familiares, a dignidade, a cortesia e o adorno da vida, não só para uns poucos privilegiados, mas para o maior número possível (ANGELL, 2002: 148).

Em quinto e último lugar, o que está em discussão é uma efetiva compreensão sobre os reais interesses das comunidades políticas; onde o ideal passa a ser aquilo que é mais essencial quando tratamos da vida em sociedade: um estado de permanente e ampla satisfação do espírito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(ARISTÓTELES, 1999: 32-33). Esse é o ponto com o qual Lisístrata joga o tempo todo; agora cabe às mulheres comandar e aos homens, obedecer.

ALVES, Marcelo. O nascimento do conceito de asilo político na tragédia grega: os dilemas da política em *As Suplicantes*, de Ésquilo In *Abordagem clássica das relações internacionais*. São Paulo: Conceito Editorial, 2012.

ANGELL, Norman. *A grande ilusão*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

AMARAL, Roberto Antonio Penedo; SILVA, Deyse Amorim; GOMES, Luciene Izabel. A eudaimonía aristotélica: a felicidade como fim ético. *Revista Vozes dos Vales*: Publicações Acadêmicas, No 1, Ano 1, 2012.

ARISTÓFANES. *Duas comédias:* Lísistrata e Tesmoforiantes. Trad. Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARISTOTLE. *Nichomachean Ethics*. Translated by David Ross. Oxford: Oxford University Press, 2009.

_____. *Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BRASIL, Assis. Aristófanes In *Lisístrata*. *As Nuvens*. Trad. David Jardim Júnior, São Paulo: Ediouro, 1988.

BUARQUE, Chico. Mulheres de Atenas. *Meus caros amigos*. Faixa 2. Universal. 1993. CD-ROM.

BULL, Hedley. *A Sociedade Anárquica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

CHAUI, Marilena. *Introdução à História da Filosofia*: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COX, Robert. *The Political Economy of a Plural World*: Critical Reflection on Power, Morals and Civilization. New York: Routledge, 2002.

DUARTE, Adriane da Silva. Introdução: mulheres à beira de um ataque de nervos In *Duas comédias:* Lísistrata e Tesmoforiantes. Trad. Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. *A luz da Hélade*: ensaios literários. Rio de Janeiro: Ed. J. Di Giorgio, 1980.

KITTO, H. D. *Os gregos*. Trad. José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Arménio Amado Editora, 1990.

LINKLATER, Andrew. *Critical Theory and World Politics*. Citizenship, sovereignty and humanity. New York: Routledge, 2007.

MEARSHEIMER, John. *The tragedy of great power politics.* New York: Norton Company, 1999.

MORGENTHAU, H. *A Política entre as Nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

TICKNER, J. Ann. Hans Morgenthau's principles of political realism: a feminist reformulation. *Millennium*: journal of international studies, Vol. 17:3, 1988.

_____. Identity in international relations theory: feminist perspectives In LAPID, Yosef; KRATOCHWILL, Friederich (eds.) *The return of culture and identity in international relational theory.* Colorado: Lynne Reiner, 1996.

_____. You Just Don't Understand: Troubled Engagements Between Feminists and IR Theories. *International Studies Quarterly*, Vol. 41, 1997.

WALTZ, Kenneth. *O homem, o estado e a guerra*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.

Recebido em 03 de outubro de 2015.
Aprovado em 18 de abril de 2016.